

Novos desafios para o aprendizado da leitura e da escrita



ZILZA WERNECK E ISABEL CRISTINA FRADE – professoras da Faculdade de Educação da UFMG

Neste número, o *Letra A* traz, entre seus destaques, uma reportagem com foco na atual e necessária discussão sobre a interação, quanto ao aprendizado da leitura e da escrita, entre as diferentes disciplinas. Professores de disciplinas distintas, nos seus depoimentos sobre as perspectivas que adotam, revelam pontos de vista que evidenciam divergências conceituais entre elas. Nesse quadro, depreende-se que, além da necessidade de que cada professor esteja consciente de sua responsabilidade nesse processo, faz-se necessário também refletir sobre o que se entende por leitura e escrita, na escola e fora dela. A almejada interdisciplinaridade no processo de aprendizado da leitura e da escrita e na apropriação plena dos vários gêneros textuais de nossa cultura demanda uma discussão coletiva para harmonizar concepções que possam engendrar metodologias que, de fato, contribuam para o aprendizado dos alunos. Refletir coletivamente sobre o que é ler e sobre o que é escrever pode promover mudanças metodológicas significativas no processo. Como resultado, espera-se que o aluno possa perceber coerência no tratamento dado à leitura e à escrita pelos professores das várias disciplinas. A busca por essa coerência conceitual, construída a partir das teorias sobre a leitura e a escrita, com certeza, levará os professores à redefinição dos papéis dos alunos – leitores e escritores – na relação com os gêneros textuais trabalhados em cada uma das disciplinas curriculares.

Mais do que nunca, precisamos ressaltar o caráter sócio-histórico das práticas de leitura e escrita, dentro e fora da escola. Isso envolve a mudança nos suportes, nos objetivos dos leitores e dos escritores e nas formas de ler, algumas delas abordadas na entrevista dessa edição. Segundo Aníbal Bragança, novas configurações na apresentação e no tratamento da leitura e da escrita permitem a interação simultânea com imagens, movimento e escrita, num mesmo suporte. Com as mudanças nas tecnologias e nos suportes da escrita aliadas à comunicação *online*, voltamos-nos para outras formações possíveis. Constatamos que a cultura letrada depara-se hoje com uma maior imbricação de novos usos da leitura e da escrita. Assim, são muito propícias as condições para o desenvolvimento de novas habilidades demandadas por essas duas

práticas complementares. Sobre o futuro do livro e da leitura, também indagamos: será que vamos privilegiar a tela para os usos pragmáticos e acadêmicos da leitura e deixaremos a apreciação literária para as páginas dos “velhos” livros impressos?

Como as crianças, que lêem em páginas impressas e pesquisam trilhas sonoras em computador, lidam com outros linguagens, como a do cinema? A seção *Aula Extra*, sobre o título “Entre o quadro e a tela”, trata das experiências de produção de curtas metragens por crianças que passam a olhar e a representar a realidade através das câmeras. O leitor pode conferir uma interessante oportunidade de alfabetização audiovisual: o ato de apreciar produtos fílmicos e também produzi-los é uma experiência de “desmontagem” da linguagem do cinema, necessária tanto para a formação estética quanto crítica de cinéfilos. Para entender melhor o uso do cinema na escola, vale lembrar o que diz Helvécio Ratto, cineasta, na matéria: o professor precisa compreender que sua abordagem deve ultrapassar os fins didáticos e levar a uma experiência estética.

Como ensinar o alfabeto? Essa é uma pergunta frequente de quem alfabetiza. As 26 letras do alfabeto costumam ser apresentadas aos alunos de muitos modos. No entanto, há uma confluência de objetivos: o conhecimento das representações gráficas de realizações sonoras da língua. Em que medida o modo de ensinar ou apresentar as letras aos aprendizes influencia positivamente na alfabetização? O ensino/aprendizado do alfabeto pode dar-se em que momento desse processo? Especialistas buscam responder essas e outras questões. Perspectivas teórico-conceituais sobre o aprendizado são apontadas, não só em relação ao alfabeto, como, também, às formas de organização dos gêneros pautados pela ordenação alfabética de seu conteúdo – dicionários, agendas, enciclopédias, catálogos telefônicos etc. –, outro aprendizado importante.

Nesse mundo repleto de signos e significados construídos a partir da escrita e de outras linguagens, o desafio é o de garantir, às novas gerações, não só o acesso à cultura do impresso, mas também às múltiplas linguagens presentes em práticas sociais que vêm exigindo, cada vez mais, outras habilidades de leitura e de escrita.

NOVO PORTAL DO CEALE

O Portal Educativo Ceale está de cara nova! Com um *layout* mais moderno que facilita a navegação do internauta, o *site* traz matérias especiais sobre educação, além de entrevistas e colunas com pesquisadores e professores. O portal oferece ainda informações sobre todas as publicações do Ceale e sobre os projetos de pesquisa e ação educacional desenvolvidos pela equipe. O novo endereço de acesso é www.ceale.fae.ufmg.br

COLABORE COM O LETRA A

Envie suas críticas e comentários à equipe do jornal. Sugestões de temas para as matérias e de projetos interessantes na alfabetização também são bem-vindas. Escreva para letra_a@fae.ufmg.br ou Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Faculdade de Educação da UFMG – Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte - MG, CEP: 31270-901.

A sua colaboração é muito importante para o *Letra A*. Participe!

EXPEDIENTE

Editor do *Letra A*: Benedito Toledo Pires | Vice-editora do *Letra A*: Valécia Maria Margul Sterling | Pré-editora da *Extensão*: Sérgio Inocêncio Loureiro de Freitas Daltro | Pré-editora adjunta da *Extensão*: Priscila Camargo de Mendonça Vasconcelos | Diretora da FAE: Antônia Vênia Soares Araújo | Vice-diretor da FAE: Orlando Gomes de Aguiar Junior | Diretora do Ceale: Francisca Isabel Pereira Nicolli | Vice-diretora do Ceale: Maria Lígia Costantini | Editoras Pedagógicas: Zilza Werneck e Isabel Frade | Editoras de Jornalismo: Teresinha Rodrigues (31394/360) | Diagramação: Alice Barreto e Cristiano S. Magalhães | Reportagens: Andrea Sousa, Flávia Moraes, Igor Lopes, Teresinha Rodrigues e Vinícius Cardoso Júnior | Revisão: Heliana Maria Basso Brando

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 379-901, Belo Horizonte - MG. Telefones (31) 3409 0211/3409 3334. Fax: (31) 3409 3329 - www.ceale.fae.ufmg.br



Qual é a diferença entre consciência fonológica e consciência fonêmica?



Foto: R. Elitir



Regina Elitir Lampert é professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFVJM) e coordenadora do Centro de Estudos sobre Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem (CEAL).

É bastante comum encontrarem-se os conceitos consciência fonológica e consciência fonêmica empregados de maneira indistinta, como sinônimos ou, também, o uso da expressão consciência fonêmica como se só ela existisse. Mas, nas nossas publicações, usamos esses termos baseados em definições que mostram entre si uma diferença fundamental, como se verá.

Consciência fonológica é a capacidade de reflexão e mobilização consciente dos sons da fala nos três níveis: sílábico, intra-sílábico e fonêmico. Consciência fonêmica, por outro lado, é a capacidade de reflexão e manipulação consciente dos fonemas, somente.

Portanto, a consciência fonológica é mais ampla, mais completa do que a consciência fonêmica, porque envolve a consciência dos sons da língua em três diferentes níveis: o da sílaba, o de unidades internas às sílabas e o do fonema. Por isso, diz-se que a consciência fonológica é constituída de diferentes habilidades, já que para reconhecer, julgar e mobilizar sons em cada um desses níveis são necessárias habilidades separadas, com complexidade diversa, desenvolvidas em fases distintas do amadurecimento cognitivo da criança.

A consciência fonêmica, um dos três níveis da consciência fonológica, é justamente o mais complexo, mais difícil e, por isso, mais tardio. Constitui-se na capacidade de reconhecer, avaliar e mobilizar os fonemas - sons distintivos da língua - que são unidades menores do que a sílaba e do que as unidades intra-silábicas. É preciso saber dividir uma palavra não só em sílabas, mas, ainda, dividir essas em sons/fonemas; além de saber retirar ou acrescentar sons de uma palavra e dando-se conta de que, pela adição ou subtração de fonemas, novas palavras podem ser formadas.

Com a consciência fonêmica a criança lida com unidades abstratas colocadas em um segmento sonoro contínuo (a fala), o que dificulta a percepção dos sons individuais. Esse patamar é atingido durante a alfabetização que, no nosso entender, tem com a consciência fonêmica uma relação de reciprocidade: uma contribui para o desenvolvimento da outra.



Foto: Thais



Thais Cristina Silva é professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFVJM) e coordenadora do Centro de Estudos sobre Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem (CEAL).

Os termos "consciência fonológica" e "consciência fonêmica" referem-se ao conhecimento que os falantes têm da organização da sonoridade. Podemos dizer que a sonoridade da fala é expressa nas palavras que pronunciamos. Toda palavra é formada por sílabas, e as sílabas são formadas por sons. Uma pergunta importante para o conhecimento e a compreensão da linguagem humana é: *os falantes sabem ou têm consciência sobre a organização da sonoridade?*

Podemos dizer que o conceito de "consciência fonológica" é mais abrangente e engloba aspectos da "consciência fonêmica" que, por sua vez, reflete a capacidade dos falantes de uma língua de analisar os fonemas ou sons individuais que compõem uma palavra.

Há evidências de que a identificação de sons individuais requer treinamento específico (de leitura e escrita na escola) e também de que, antes de identificar sons individuais, os falantes identificam outros aspectos da sonoridade. Por exemplo, o falante é capaz de perceber o tamanho de uma palavra em relação à outra, pode identificar semelhanças sonoras entre palavras e é também capaz de segmentar e mobilizar sílabas e sons (rimar ou substituir sons específicos). Em outras palavras, o falante tem consciência de que as palavras são formadas por sílabas, de que as sílabas têm sons distintos e é capaz de mobilizar esse conhecimento. Essa habilidade é denominada "consciência fonológica". Uma habilidade que ultrapassa o som individual e abrange a sílaba, a rima e a palavra.

Vários estudos demonstram a importância do desenvolvimento da "consciência fonológica" para a aquisição da leitura e escrita e que através nesse processo de aquisição estão intimamente relacionados com a precariedade desse desenvolvimento. Isso porque a consciência fonológica favorece a generalização e a memorização das relações entre letras e sons (ou entre conjuntos de sons, como em rimas). Portanto, a "consciência fonológica" abrange não apenas sons individuais, como a "consciência fonêmica", mas a organização da sonoridade de maneira mais ampla (na sílaba e na palavra).

DICIONÁRIO DA ALFABETIZAÇÃO

Suportes da escrita

Toda escrita necessita de um suporte material capaz de receber (e, num certo sentido, alterar) o traço, a imagem, a letra que nele se grava com o auxílio de um instrumento, em baixo ou alto relevo, e/ou por meio de um pigmento (uma tinta, por exemplo). O suporte já foi a matéria dura — pedra bruta, osso de camelo, casco de tartaruga, deco de cerâmica, mármore monumental — que exigia instrumentos firmes e o trabalho lento do gravador-escritor. Foi, depois, a matéria maleável — casca de árvore, folha de palmeira, argila a ser queimada, tabuinha de cera — que permitia formas de escrita mais leves, livres e rápidas. De um suporte a outro, povos distintos, conquistas, evoluções técnicas e tecnológicas, o mundo em movimento.

Desde a Antiguidade, há a concentração da escrita

em três principais suportes: papiro, pergaminho, papel. O Egito monopolizou por muito tempo a fabricação do papiro, a partir de um junco cultivado às beiras do Nilo. O papiro apresentava-se em rolos a serem preenchidos pelos escribas, importantes funcionários públicos egípcios. Em Pérgamo, na Ásia Menor, teria sido inventado o pergaminho, que tem como matéria-prima a pele de animais como o cordeiro ou o boi. Os europeus, ao longo de toda a Idade Média, usaram tanto o pergaminho que, vez ou outra, havia escassez de pele. Surge, assim, o palimpsesto: páginas antigas raspadas para receberem novas escritas. Por esse tempo, chegou-lhes a invenção dos chineses: o papel de trapo (restos de tecidos) que, ao evoluir, tornou-se papel de celulose, este que hoje conhecemos e usamos.

Atualmente, a celulose enfrenta não exatamente a escassez, mas uma espécie de restrição diante das questões ambientais. Valoriza-se, então, cada vez mais, a reciclagem, o papel feito a partir de sobras de outros papéis.

É preciso conhecer esses materiais, os instrumentos e os gestos que os acompanham, principalmente quando se ensina (e se aprende) a ler e escrever. Um passeio pela história da escrita, pelos aspectos gráficos de um livro, ou, ainda, a simples prática de cortar e dobrar um papel para lhe dar novos formatos, o ato de acariciá-lo com a ponta dos dedos a fim de lhe descobrir a gramatura, a textura, a aptidão para receber tal ou qual impressão, tudo isso pode trazer novo entusiasmo a diferentes campos de estudo.



Biografia da turma

Uma biografia coletiva: essa foi a ideia da professora Marlene Ferreira da Silva para desenvolver a escrita de seus alunos da 2ª série da Escola Municipal Padre Geraldo, em Sabará (MG), no ano passado.

No projeto "Minha Vida", a professora pediu que cada aluno escrevesse em uma página de um mesmo caderno um texto autobiográfico. As perguntas básicas eram sobre os pais, avós, irmãos, bichos de estimação, como da infância e as preferências de cada um, mas as crianças também tinham liberdade para fugir desses tópicos. Além disso, colaram fotos e ilustraram cada página como quiseram. Quem estreou o caderno foi a própria professora e, a partir daí, cada criança o levava para casa em um dia e escrevia o seu relato. Na aula seguinte, poderia, se quisesse, apresentar sua história para os colegas. "Eu não pressionava nenhum deles para contar lá na frente, mas até os mais envergonhados queriam falar porque viam que todos os colegas estavam envolvidos", conta Marlene da Silva.

Para a professora, a experiência proporcionou um avanço não apenas em ortografia, mas também na elaboração

de textos pessoais e envolvimento com a história dos colegas (VICENTE CARDOZO JUNIOR)

de textos mais complexos e criativos. "Percebi que eles ampliaram muito seu vocabulário e conseguiram escrever com mais liberdade."

Marlene também pôde conhecer um pouco mais da vida familiar de seus alunos. "Fiquei surpresa quando descobri que na turma tinha onze alunos que eram filhos únicos e todos falavam que não queriam ter irmãos", relata. Com isso, a professora decidiu discutir assuntos como o individualismo e a importância da família.

No decorrer do projeto, ela conta, as crianças criaram laços mais fortes por terem conhecido mais sobre a vida dos colegas. A atividade também gerou um espírito de equipe pela preservação de um material que servia a todos: quem o levasse para casa não podia devolver sujo ou amassado. Até pediram ao colega que tinha fama de pouco cuidado para ir à frente da sala fazer um juramento de que não estragaria o caderno, mas tudo em um tom de brincadeira: não gerou nenhum constrangimento.

"Quem mais se divertiu foi o próprio menino que teve que fazer a promessa", relata Marlene.

Pela estrada afora

Final feliz, com aprendizagem em sala de aula (TEREZA RODRIGUES)

Chapeuzinho Vermelho foi abordada por um ladrão — não mais pelo Lobo Mau — enquanto ia para a casa do Vovozinho. Em outra versão, ela parou em uma lan house a caminho da floresta, se entusiasmou com um jogo de videogame e acabou se esquecendo das recomendações de sua mãe. Essas e outras histórias contadas pelos alunos do 3º ano do 1º ciclo entusiasmaram a professora Maria Consuelo Tahan, da Escola Municipal Machado de Assis, de Ituiutaba (MG). No projeto *Criando e Recriando Histórias*, ela se surpreendeu com a produção e a criatividade das crianças.

"Eu acredito muito no potencial da oralidade. Desenvolvi vários trabalhos com minha turma, ao longo de 2008, por meio de contos da tradição oral", relata Maria Consuelo. A professora conta que se guiou pela personagem Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, para criar exercícios de matemática: "Quantos doces a menina levou para a avó? Quanto custou?", exemplifica. Ela acredita que dá para trabalhar inúmeras habilidades com esse texto, passando inclusive pela geografia e pela história. Mas, com esses alunos de oito anos, ela preferiu focar os números e a produção de texto. "Separei em capítulos e cada dia contava uma parte da história, eles ficavam curiosos. Depois pedi que criassem uma narrativa nova, adaptada para os dias atuais. Aí foi ótimo, todos nós adoramos". Os alunos tiveram também de produzir bilhetes imaginando que eram os personagens e apresentá-los para o restante da turma.

Alguns meninos eram tão tímidos que nem a professora conhecia a voz deles. Depois desse projeto, aprenderam a se soltar mais. De acordo com Maria Consuelo, isso foi bom não só para a desenvoltura, como também melhorou a escrita e a argumentação dos alunos: "Eles agora sempre pedem histórias, escolhem músicas e rimas para serem trabalhadas em sala de aula". E ela gosta de acatar as sugestões deles, "afinal, se identificando com o projeto, eles se soltam e aprendem ainda mais", acredita.

Ela une a teoria e a prática

Na Escola Estadual Aureliano Pimentel, em São João del-Rei (MG), a professora Ana Aparecida Soares trabalha com uma turma de 3º ano do 1º ciclo considerada difícil. "Mas eu não vejo isso como um problema, e sim como um desafio", comenta. Ela fez Pedagogia e pós-graduação em Alfabetização na Universidade Federal de São João del-Rei (UFESJ), especialização em Arte-Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e estava animada para colocar em prática tudo o que viria na teoria: "É interessante trabalhar com crianças que têm dificuldade e entender como e por que elas também conseguem aprender".

Mas provar para a família, para a escola e para o próprio aluno que o desenvolvimento dele apenas acontece em um tempo diferente não é fácil. "Na minha turma, eu vejo que o sucesso depende muito do trabalho realizado pelo professor. Exatamente como eu aprendi na minha formação".

No início do ano, Aninha (como é chamada) realizou a avaliação diagnóstica e, pelos resultados, guia o seu

"Conhecimento nunca é demais, e é sempre bom repassá-lo" (TEREZA RODRIGUES)

planejamento para todo o ano. "A partir do que eles trouxeram como bagagem cultural, eu vou desenvolvendo os projetos e atividades", conta. E registra tudo para que os pais também possam entender a evolução das crianças. Ela tem os gráficos e explica nas reuniões porque eles estão "em escala ascendente".

"Logo na primeira reunião de pais, eu falei o que pretendia fazer e como trabalharia. Expus meu conceito de alfabetização e aprendizagem, e pedi que eles falassem também". Nessa hora, ela percebeu a insatisfação com as queixas, que eram constantes. "Porque nenhum pai quer ouvir só que o filho não vai bem na escola. Ele quer entender como esse quadro pode ser mudado". Nos seus estudos, Aninha diz ter aprendido que nenhuma prática pode ser descolada da teoria e nem a teoria pode ser completa sem a prática. "Aprendi também que conhecimento nunca é demais, e é sempre bom repassá-lo", conclui.

Conhecendo o alfabeto

Elementos fundamentais do nosso sistema de escrita, as letras do alfabeto devem ser ensinadas de modo que as crianças não simplesmente as decorem, mas aprendam os seus usos (IGOR LAJE)

A, B, C e outras 23 letras compõem o alfabeto usado na língua portuguesa. Esses símbolos combinados de diversos modos formam as palavras, que juntas formam frases, que, por sua vez, formam textos. O universo da escrita é amplo e cheio de possibilidades, mas, para poder aproveitá-lo plenamente, é preciso entender o seu funcionamento, suas regras e também suas limitações.

A criança entra em contato com a escrita antes mesmo de iniciar a vida escolar, mas é durante o processo de alfabetização que ela começa a tomar consciência do significado dos símbolos. Por isso, é importante que esse primeiro passo seja teoricamente fundamentado. Para o lin-

güista Luiz Carlos Cagliari, especialista nos estudos sobre aquisição da linguagem oral e escrita, é preciso mostrar ao aluno como funciona a relação entre letras e sons. "O aluno não pode acreditar que está escrito 'pato', por exemplo, só porque o professor disse. Ele tem que entender a ligação entre o que está escrito e o que é falado", explica.

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, a também lingüista Leonor Sciliar-Cabral afirma que a primeira etapa consiste em ajudar a criança a reconhecer o traçado das letras. "É preciso que os alunos saibam distinguir os traços para, futuramente, identificarem o grafema".

Primeiros passos

Para que a criança identifique com mais facilidade a forma das letras, o melhor é que o professor inicie o trabalho com as chamadas letras de imprensa (ou de forma). O formato delas é mais simples, o que auxilia o processo de memorização e, mais adiante, de reprodução. É recomendável que o professor comece com as letras maiúsculas (ou caixa alta) e depois parta para as minúsculas. "A letra de imprensa deve ser a primeira a ser tratada. À medida que for ensinada a escrita manuscrita, pode ser ensinado outro tipo de letra", explica Leonor Sciliar-Cabral.

Já no trabalho de identificação das relações entre letras e sons, ela sugere que o professor comece por

grafemas que correspondam a um só fonema, como "b", "t" e "v". Os mais complexos, que compartilham a representação de um mesmo som, como "s" e "c", ou "g" e "j", devem ser abordados por último. Leonor Sciliar-Cabral também ressalta que "toda essa atividade deve ocorrer em um contexto lúdico de narrativas, jogos, brincadeiras e canções". Para isso, o professor pode recorrer a instrumentos pedagógicos como alfabetos móveis, alfabeto-brinquedo, entre outros.

A professora Grazielle Fernanda Carvalho, da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil

Professora Teresinha de Jesus Soares Quinalha, em Santa Bárbara d'Oeste (SP), sempre utiliza meios diferentes de apresentar as letras aos alunos. Além de confeccionar crachás e enfeitar a sala de aula com abecedários bem coloridos, ela desenvolve jogos que desafiam as crianças a reconhecerem letras e palavras. No "bingo de letras", por exemplo, os alunos jogam com cartelas produzidas pela professora. "Geralmente, eles escolhem as que têm letras do nome deles e, a partir daí, eu começo o trabalho de reconhecimento das formas", explica Grazielle Carvalho.

História das letras

"A escrita começou com os desenhos nas cavernas e foi evoluindo de acordo com necessidades econômicas, religiosas e estéticas da sociedade até chegarmos ao alfabeto que temos hoje", conta a escritora Lia Zatz, autora do livro *Aventura da Escrita – História do desenho que virou letra*. Preocupada com a questão da alfabetização no país, ela começou a pesquisar sobre o assunto e se interessou pela história do alfabeto. Assim, surgiu a vontade de escrever sobre esse tema. Segundo ela, as crianças sempre têm curiosidade de saber "de onde vêm

as coisas", por isso ensinar a história da escrita ajuda a despertar o interesse delas.

Fabiana Grenzel, professora do Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil, de Ijuí (RS), também usou uma história para alfabetizar seus alunos, mas de um jeito um pouco diferente. "Como gosto muito de escrever, criei uma história sobre o abecedário", explica. "A partir dela, os alunos desenharam, dramatizaram e fizeram várias outras atividades".

A principal inspiração para o projeto de Fabiana Grenzel foi uma história contada por Mário Quintana

em *O Batalhão das Letras*. O livro foi utilizado logo no início do trabalho com a turma e gerou uma série de atividades, dentre elas o "saco das letras". "Cada dia, um aluno levava para casa o saco que criamos com um caderno dentro. Junto com sua família, ele fazia uma letra do alfabeto em forma de bonequinha e, no caderno, colava palavras que se iniciam com a mesma letra confeccionada", detalha a professora. O projeto deu tão certo que, com o apoio da prefeitura, ela conseguiu publicar em livro os frutos do seu trabalho.



Entre o quadro e a tela

A partir do cinema, escolas procuram desenvolver a linguagem visual e estimular a leitura crítica de imagens (ANDREA SOUZA)

Diário de Bordo é uma curta-metragem de seis minutos que conta as aventuras de um pirata em São Vicente e Granadinas, um país da América Central formado por centenas de ilhas a leste do continente. Finalizado em 2007, o filme foi elaborado pelos alunos do 2º e 3º ciclos da Escola Municipal Roberto Burler Marx, localizada no Rio de Janeiro (RJ). A professora e regente da sala de leitura, Alessandra Barbosa, responsável pelo projeto, conta que "o processo de autoria e construção do curta esteve quase todo nas mãos dos alunos."

Desde o início do século XX, o cinema já era utilizado com fins pedagógicos por médicos, pesquisadores e professores. Além de auxiliar a observação de fenômenos naturais, experiências e cirurgias, as produções serviam para ensinar conteúdos aos estudantes. Hoje, o maior acesso a recursos tecnológicos, como câmeras e computadores, tem possibilitado o trabalho com a linguagem cinematográfica nas escolas.

Rosália Duarte, professora da PUC-Rio e autora do livro *Cinema & Educação*, afirma que, ao trabalhar com o cinema em sala de aula, é importante que o professor identifique com as crianças as várias possibilidades de construção da narrativa fílmica, seja ela mais ou menos complexa. "O objetivo é desenvolver com os alunos critérios a partir dos quais eles poderão ler criticamente os filmes e não apenas entendê-los como bons ou ruins". O professor pode recorrer aos diversos elementos constituintes da linguagem audiovisual, como o jogo de luz, a articulação entre sons e imagens, os planos das cenas, para discutir com a turma as intenções do diretor ao utilizar esses recursos. Rosália Duarte defende que é interessante os alunos aprenderem a perceber as idéias e significados que se desenrolam a partir do movimento das imagens.

O cineasta mineiro Helvécio Raton, diretor do filme *Pequenas Histórias*, no entanto, alerta que, ao trazer o cinema para a sala de aula, o professor precisa ter consciência de que sua finalidade não é didática e sim reflexiva. "Os filmes podem sim ser trabalhados na escola, mas as atividades devem envolver sua dimensão artística, que é a mais importante", afirma. Para Raton, quanto mais cedo os espectadores se habituarem a apreciar obras cinematográficas de qualidade, principalmente as nacionais, melhor será o questionamento em torno dos conteúdos que chegam a eles pelas telas. "Assim como há alfabetização para as letras, eu acho que as crianças deveriam ser alfabetizadas para o audiovisual, pois elas aprenderiam a desconstruir essa linguagem e se tornariam menos indefesas frente a ela."

Do *close* ao plano aberto

Mais do que um instrumento temático utilizado nas disciplinas, o cinema deve ser valorizado por seus aspectos artísticos e estéticos. Seu papel na sala de aula deve ser principalmente o de estimular a sensibilidade visual nas crianças para que elas tenham a capacidade de avaliar as propostas dos filmes assistidos. Para Inês Teixeira, professora da Faculdade de Educação da UFMG, é importante que o professor ressalte o valor artístico das obras de modo a não aprisioná-lo aos conteúdos disciplinares. "Não é pre-

ciso estar estudando geografia, história ou ciências para que o cinema seja importante na escola. Ele é importante porque a escola deve trabalhar com as crianças as várias linguagens de que a humanidade é capaz", comenta.

Ao trabalhar com a linguagem visual, as crianças desenvolvem novas formas de apreensão da realidade. Para o diretor e produtor Helvécio Raton, a busca por um olhar mais apurado para as artes através do cinema incentiva a leitura, pois, ainda que se trate de outro tipo de linguagem,

os filmes narram histórias, muitas delas baseadas em obras literárias. A professora Rosália Duarte conta que o maior contato com a linguagem audiovisual pode refletir nos processos de escrita das crianças. "Uma vez, li o texto de um garoto que fazia movimentos de *flashback*, porque ele recontava fatos, e ainda havia uma plateia que questionava. Acredito que seja uma marca da experiência com o cinema que acabou se traduzindo na escrita", afirma.

Luz, câmera... ação!

Olhar para o cinema e não apenas através dele. Essa é a proposta da professora Alessandra Barbosa, cujo trabalho sobre os jogos Pan-Americanos resultou na produção de uma pequena animação. Segundo ela, os alunos demonstraram uma curiosidade particular por São Vicente e Granadinas, um dos países participantes do Pan. As belas ilhas caribenhas serviram de inspiração para que as crianças montassem a história, criassem os personagens e o cenário. O curta *Diário de Bordo*, que foi produzido ao longo de 2007, participou este ano da *Mostra Geração do Festival do Rio*. Alessandra conta que foi um trabalho de construção e empenho das crianças. "Eles mesmo fizeram as trilhas sonoras. Pesquisando na internet as músicas que tinham a palavra *pirata*, descobririam desde marchinha de carnaval até *axé music*. Depois gravaram as vozes e colocaram uma batida de *funk*."

A professora conta também que esse exercício de produção foi importante para que as crianças se deparassem com problemas e desafios. A partir da inventividade e da contribuição de cada uma, os impasses foram resolvidos: em *Diário de Bordo*, o mar é feito de anilina azul e mingau de maizena, preparado pela mãe de uma das crianças, e a chuva, que antes era de massinha, passou a ser de fita crepe devido à facilidade de manter os falsos pingos de água presos ao cenário.

Antes de partirem para a prática, os alunos assistiram a filmes – desde as primeiras produções, como as obras de Charles Chaplin, até as mais recentes, como *A fuga das Galinhas* – e a vídeos de *making of* para ver os bastidores e os artifícios empregados pelos diretores. A partir daí, a turma discutiu elementos específicos da linguagem cinematográfica. "Procurei trabalhar a leitura das imagens de modo a treinar o olhar para diferentes propostas estéticas. Então, a gente conversou sobre os planos, sobre a intenção do diretor ao dar um *close* ou filmar de baixo pra cima ou de cima pra baixo, e se há diferenças entre esses recursos."

Compromisso de toda a escola

As atividades de leitura e escrita devem ser incentivadas por professores de todas as disciplinas, favorecendo a alfabetização e o letramento dos alunos (FLÁVIA MORAES)

Quando se pensa em matemática, números e figuras geométricas logo vêm à mente. Se o assunto é Ciências, estudos sobre o meio ambiente e o corpo humano costumam ser lembrados. A língua portuguesa, por sua vez, sempre está associada à leitura e à escrita. Mas ler e escrever são habilidades a serem desenvolvidas somente nas aulas de português? Não. Pelo contrário, todas as disciplinas do currículo escolar demandam algum tipo de leitura e escrita, o que exige que todos os professores participem ativamente do processo de alfabetização e letramento das crianças.

Para Angela Kleiman, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), todos os educadores devem ser considerados professores de leitura, já que são responsáveis por mostrar às crianças as diversas práticas textuais. O professor de história, por exemplo, ensina a valorização de documentos e fontes, estimula a realização de analogias e estabelece relações entre fatos. Já o professor de matemática está interessado em uma leitura mais exata dos problemas, com a elaboração de conclusões. "Não tem cabimento pensar que leitura é coisa de professor de português. Também é, mas não somente", afirma Angela Kleiman.

Algumas questões específicas sobre a Língua, tais como variedades lingüísticas e aspectos gramaticais relacionados a situações discursivas, devem, de fato, ser tratadas nas aulas de português. O trabalho com os textos, entretanto, deve ir muito além. Em qualquer disciplina, o professor deve mostrar ao aluno que é possível fazer reflexões e levantar hipóteses a partir dos diversos gêneros textuais e seus usos.

A alfabetização anda lado a lado com o letramento, que consiste nos usos da leitura e da escrita nas práticas sociais. Quando alguém aprende a ler e utiliza esse conhecimento para identificar o que uma placa na rua significa, em certa medida, está se letrando.

"Alguns sabem fazer a leitura da palavra, mas estão analfabetos na leitura do ambiente. Isso porque a educação – o ensino de um modo geral – está muito descontextualizada da realidade social e cultural das pessoas", explica Mônica Meyer, professora da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo ela, o problema é maior quando o ensino tem como ponto principal memorizações que não fazem sentido para os alunos, não

estão relacionadas às práticas sociais. "É como guardar um telefone que não tem utilidade. Se o número for de alguém importante, você guarda imediatamente. Se não for, você guarda, mas não sabe o que faz com isso", exemplifica.

Especificidades dos textos

Os textos de cada disciplina são marcados por elementos que os diferenciam. Na matemática, a presença de símbolos, como o sistema de numeração e o sistema métrico decimal, são característicos. Apesar disso, Mônica Meyer defende que todas as áreas do saber trabalham com a linguagem, mediadora do aprendizado, que favorece o diálogo interdisciplinar. A palavra cadeia, por exemplo, é polissêmica. Significa prisão na história, remete à cadeia de montanhas na geografia e, nas ciências, denomina fluxos de energia. "Há especificidades que são as terminologias próprias, mas a linguagem é a mesma, são sempre textos", diz a professora da FaE/UFMG.

As aulas mais contextualizadas podem se tornar interessantes para as crianças. Algumas atividades podem ser realizadas nas escolas por diferentes disciplinas e, também, na biblioteca escolar.

$X + Y = Z?$

Uma das maiores dificuldades que as crianças encontram na resolução de problemas matemáticos não é relativa às operações, como soma e subtração, mas à compreensão dos enunciados e à habilidade de relacionar o contexto dos problemas com os conceitos matemáticos.

De acordo com Celi Espasandin Lopes, professora do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), esse tipo de situação exige que o professor realize atividades que ajudem na correção do problema matemático. Para ela, que é pesquisadora na área de educação estatística para educação básica, os alunos podem, por exemplo, debater em grupos o enunciado do exercício, discutir diferentes maneiras de solucioná-lo e, depois, dividir suas conclusões com o restante da turma. "Dessa forma,

eles poderão se apropriar de vários procedimentos diferenciados e perceber a importância da leitura cuidadosa de um enunciado", sugere Celi Lopes.

Segundo João Lucas Marques Barbosa, presidente da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), a deficiência dos alunos em língua portuguesa leva o professor de matemática a se restringir a uma linguagem que utiliza símbolos em detrimento do uso de palavras comuns da língua. "Isso torna a composição matemática mais abstrata e difícil de ser assimilada. Também gera, como consequência, uma imagem falsa de que o ensino da Matemática é distante da sua utilização na vida real", explica.

A abordagem contextualizada da matemática permite uma visão global, em que nenhum conhecimento é isolado dos outros, o que favorece a resolução dos problemas. "A contextualização nessa disciplina significa propor aos alunos o confronto com situações-problema que envolvam questões do cotidiano, econômicas, sociais, de saúde, de consumo e da própria matemática", sugere Celi Lopes.

No momento da produção textual, por sua vez, muitos dos problemas que o professor de língua portuguesa corrige nas composições de seus alunos são os mesmos que o professor de matemática corrige nas composições matemáticas das crianças. Assim, segundo o presidente da SBM, as duas disciplinas podem ser complementares na formação do aluno como leitor e escritor, mesmo que os professores envolvidos não tenham conhecimento disso.

De acordo com Angela Kleiman, muitas vezes, o aluno vai à aula, não entende o problema de matemática, e o professor dessa disciplina vai conversar com o de português, como se a leitura do enunciado não fosse também responsabilidade dele. "Criar condições para que o aluno aprenda é primordial, tudo o que é feito nesse sentido não pode ser visto como desperdício de tempo. Mas se o professor acha que ensinar é só cumprir o cronograma, mesmo que o aluno não tenha entendido o conteúdo, aí, sim, há perda de tempo", explica a professora da Unicamp.

O homem e o espaço social

Na Escola Municipal CAIC Professor Mariano Costa, em Joinville (SC), a professora Sueli Biondo ensinou educação para o trânsito aos seus alunos de 3ª série. Para isso, as crianças observaram a própria rua da escola, de mão única, que é considerada uma das mais perigosas do bairro Adhemar Garcia. Entrevistando os vizinhos, os alunos souberam de acidentes que haviam acontecido ali e, a partir das informações que conseguiram, produziram reportagens.

Enquanto esse projeto estava sendo realizado, um dos meninos da classe foi atropelado na rua. O acidente foi leve, mas ele perdeu a bicicleta, que ficou com o aro torto. "Deu para aproveitar muito, porque foi

real. As outras crianças sentiram a dor do amigo, viram que ele não tinha mais a bicicleta. Sentir na pele é diferente do que trabalhar um conteúdo que está longe da realidade deles", conta a professora.

O objeto de estudo da geografia é a paisagem e, portanto, uma das formas mais interessantes de trabalhar o seu conteúdo é permitir que a criança observe, de forma ampla, os espaços em que vive. No caso da turma da professora Sueli, por exemplo, os alunos analisaram a rua da escola, que faz parte do trajeto diário deles. Para Nestor Kaercher, professor de Prática de ensino de geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a geografia, muito além de ser uma disciplina escolar, é a prática cotidiana do ser humano. "Os assuntos são, muitas vezes, dados simplesmente para passar o conteúdo, sem haver uma reflexão de que aquilo é, de fato, um conhecimento útil, necessário e orgânico à vida do estudante", afirma Nestor.

Assim, é importante que a geografia seja aproximada do dia-a-dia dos alunos, como, por exemplo, no momento em que as crianças de Joinville agiram como pesquisadoras, entrevistando os vizinhos. Nesse caso, o próprio aluno busca respostas para situações que fazem parte de sua vida, em vez de ler tudo no livro didático.

O texto da geografia, portanto, é encontrado não somente nos livros, mas em notícias de jornais e, principalmente, em espaços que fazem parte do cotidiano. Ao estudar as estações do ano, por exemplo, os professores podem induzir a criança a refletir sobre como cada estação afeta sua vida. Listar alimentos mais consumidos em cada época, diferentes tipos de roupas utilizados, doenças comuns nos períodos etc. Para Nestor, é a partir do cotidiano que novas questões e reflexões devem ser propostas.

Outra dica é explorar mais o atlas e o globo terrestre em sala de aula. Com o mapa do Brasil, por exemplo, o professor pode trabalhar a identificação da origem das famílias de cada criança, permitindo que a turma perceba a dinamicidade espacial de cada família. Além disso, o mapa não deve permanecer somente pendurado na parede, mas sim colocado na carteira dos alunos. "Dessa forma, eles irão ver o mapa como texto a ser lido e explorado, e não apenas como uma figura colorida na frente da sala", explica o professor da UFRGS.

No tempo e no espaço

Em Marmelópolis, pequena cidade no interior de Minas Gerais, a maioria dos moradores, desde muito novos, sonha estudar as séries iniciais lá e, depois, mudar para um lugar maior. Para que as crianças da E. M. Professor Francisco Bruno Ribeiro despertassem para a importância da cidade em que vivem, a professora Ana Flávia Guizalberte propôs que a sua turma de 3ª série pesquisasse a história local. Os moradores mais velhos e antigas fotografias serviram como fontes.





A produção do marmelo, que deu nome à cidade, entrou em decadência principalmente pelas alterações climáticas da região. As fábricas onde a fruta era transformada em doce ainda existem e foram visitadas pelas crianças. Após registrar as informações que conseguiu, cada aluno ficou responsável por transformar entrevistas em textos de memórias. "O primeiro texto não ficou muito bom, daí peguei um texto de memória e levei para a sala como exemplo. Analisamos, depois eles reescreveram, e a gente fez a correção coletiva, até chegar ao ponto de o texto ficar bom", descreve Ana Flávia Guizalberte.

Como resultado do trabalho, com o patrocínio da prefeitura local, foram impressos 200 livros que reúnem os textos escritos pelas crianças. "Eles aprenderam a valorizar a cidade, vendo que a nossa história é forte e importante, e que temos tempo de fazer coisas para melhorar ainda mais", explica a professora.

O exemplo do projeto desenvolvido em Marmelópolis mostra a importância do registro escrito para a história. Embora os moradores mais antigos da cidade possam contar oralmente o que presenciaram, com o tempo, essas lembranças tendem a se perder.

De acordo com Carmi Ferraz, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o papel da disciplina história é proporcionar atividades de leitura e de escrita que tenham uma finalidade clara para o aluno. "Ele tem que saber por que está lendo e por que está produzindo, para que, sobretudo, possa se colocar como um produtor de texto e de conhecimento", diz.

Na verdade, quando se fala em texto histórico, é comum lembrar de coisas que aconteceram no passado. Mas a história também diz respeito a situações cotidianas. Quando o professor leva para a sala de aula uma notícia do jornal sobre as eleições municipais, por exemplo, está trabalhando a história atual com os seus alunos.

Qualquer tipo de texto pode ser trabalhado na aula de história, desde que estejam claros, para o professor, os elementos relacionados ao conhecimento histórico que ele quer trabalhar a partir daquela produção escrita.

Meio ambiente

Assim como nas demais disciplinas, é essencial que o ensino das ciências seja contextualizado de acordo com a realidade social e cultural. O conteúdo presente nos livros didáticos é importante, mas desde que professores e alunos se identifiquem com o tema tratado, de modo que o aprendizado produza significados na vida dessas pessoas.

No bairro de Jardim Carapina, Serra (ES), a professora Luciane Frizzera encontrou uma maneira de estudar com os seus alunos da 4ª série diversos aspectos da disciplina de ciências. Em frente à Escola de Ensino Fundamental João Paulo II, onde Luciane dá aulas, há um lixão, que é

fonte de renda para parte da população pobre da região. Mas o lixão é também foco de poluição do ar e abrigo de animais como ratos, baratas e moscas, transmissores de doenças.

Luciane resolveu, então, orientar seus alunos sobre reciclagem, formas corretas de acondicionamento do lixo e prevenção de doenças. Para isso, procurou um livro paradidático que atraísse a atenção das crianças e utilizou *O livro de Gaia – Uma pequena lição de amor*, de Patrícia Engel Secco, obra que pode ser reproduzida para utilização em sala de aula por ter apoio do Ministério da Cultura. Como a turma era muito pobre, a professora tirou cópias do livro para os alunos que, depois de lidas, foram devolvidas para serem utilizadas por outras turmas.

Após a leitura, durante dois dias, as crianças, recolheram resíduos sólidos em suas casas e levaram tudo para a escola. "Fizemos experimentos a partir do lixo. Com as lâmpadas, construímos destiladores, lupas e potes para guardar *shampoo*", conta Luciane. Logo depois, as crianças fizeram textos e produziram um informativo, que foi distribuído para a comunidade. "Foi muito importante porque conseguimos colher resultados positivos, e o bairro passou a ser visto com bons olhos por toda a cidade", diz a professora.

Autor de 33 livros infantis, a maioria deles na área de ciências, Angelo Machado diz que as publicações paradidáticas – como o livro adotado pela professora Luciane – ensinam elementos importantes enquanto o aluno nem percebe que está aprendendo. "O objetivo principal desses livros não é ensinar, é criar o hábito da leitura, mas eles acabam ensinando", afirma o autor.

Em seu livro *O menino e o rio*, por exemplo, Angelo Machado fala sobre tipos de poluição – visual, da água, do solo – e cita nomes de animais em extinção. "A realidade é mais interessante do que se pode imaginar, e atrai as crianças, elas gostam disso", explica.

As ciências, portanto, auxiliam o ensino do português e vice-versa, já que a leitura da palavra deve permitir releituras do ambiente. Para Mônica Meyer, não há uma divisão nítida entre as duas disciplinas e ela questiona o fato de a linguagem ser reduzida a um aspecto fisiológico. Ela conta que, em uma análise de 15 livros didáticos de ciências, 13 falavam que a língua só servia para empurrar o bolo alimentar. Dois falavam que ela também servia para falar. "O conteúdo ficou tão didático que foi reduzido aos aspectos funcionais", afirma.

Corpo em movimento

O desenvolvimento cognitivo das crianças não se dá somente pelo aprendizado de teorias e pela memorização de elementos. Pelo contrário, cada vez mais, é importante que as crianças movimentem também o corpo para desenvolver habilidades essenciais, como concentração, equilíbrio e planejamento.



Segundo Celi Zulke Taffarel, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), todos os jovens devem ter a possibilidade de conhecer, na escola, os elementos que explicam a origem de cada área de conhecimento, já que todas são importantes. "Essa tarefa unifica todas as áreas e não coloca uma acima da outra, seja cultura corporal ou de escrita. Daí, nós teremos especificidades de cada uma delas, mas o importante é contribuir para a produção do conhecimento relacionado com a vida concreta", explica.

Uma criança que pratica ginástica, por exemplo, deve ter condições de, ao longo do tempo, acumular conhecimentos sobre aquilo que ela precisa fazer nessa atividade, de modo que consiga melhorar sua apresentação. A base da ginástica são apoios e giros, o que exige do professor de educação física, no decorrer dos anos escolares, que ajude os seus alunos a entenderem melhor esses movimentos. A escola, portanto, é o ponto de referência para a sistematização do conhecimento da cultura corporal.

A professora da UFBA alerta também para o fato de que os cursos de formação inicial dos professores de educação física não têm estimulado o trabalho de letramento, em que professores e alunos, através da leitura e da escrita, lidam com os conhecimentos em textos utilizados no dia-a-dia.

Biblioteca escolar como espaço propício à leitura

Além de estudarem placas e medidas de segurança no trânsito e realizarem reportagens escritas sobre o assunto, os alunos da professora Sueli Biondo, de Joinville, também gravaram vídeos, com os quais puderam desenvolver aspectos da oralidade. Para assistir ao que tinham produzido, a turma toda ia para onde ficava o vídeo – a biblioteca.

Esse espaço deve ser utilizado pelo professor como um espaço de mediação da leitura e da informação na comunidade escolar. É o que acredita Iara Bittencourt, professora da UFRGS, membro do Núcleo de Integração Universidade & Escola. "A biblioteca é um lugar de informação, de convivência, de criação, de troca. Vamos até lá para ler, reunir, assistir a uma palestra ou ouvir uma música", cita.

Dessa forma, a biblioteca deve ser utilizada pelos alunos, mas deve ser também um espaço do professor, já que ele é o responsável por incentivar a frequência das crianças às bibliotecas. "O aluno sozinho não procura esse espaço, muitos ainda não têm o grau de entendimento e autonomia para sair dos seus horários e ir até lá", afirma a professora da UFRGS.

Uma participação ativa dos bibliotecários é essencial para que toda a comunidade escolar compreenda as funções da biblioteca. Como organizadores desses espaços, eles devem atuar em conjunto com os professores, explorando formas interessantes de trabalhar conteúdos dos currículos. Em vez de esperar que as crianças apareçam, esse profissional tem o dever de ajudar, incentivar, entusiasmar e mobilizá-las.

Iara Bittencourt sugere que professores e bibliotecários tracem planos que incentivem os alunos a frequentarem mais as bibliotecas. "Podem ser sugeridos projetos, gincanas, concursos, horários para fazer leituras, momentos para ouvir histórias e realizar pesquisas escolares", exemplifica. A partir daí, o objetivo é que as crianças se tornem usuários efetivos e independentes, não somente das bibliotecas escolares, mas também das públicas.

Uma questão de formação

"Hoje em dia, há culturas interessantes no ambiente escolar, que não são somente as culturas que os livros circulam, e sim outros tipos de saberes. É necessário pensar como preparar o professor para os novos alunos, que convivem desde cedo com novos elementos de leitura e escrita", explica Angela Kleiman. A cultura de que o professor de português é o único responsável por alfabetizar e letrar os alunos ainda é muito forte nas escolas. Isso se deve, em grande parte, à formação inicial que os docentes brasileiros têm recebido.

Em vez de a leitura ser vista somente como conteúdo da língua portuguesa, a professora da Unicamp sugere que a leitura e a escrita sejam utilizadas como fio condutor para projetos interdisciplinares, para que nenhum docente veja sua disciplina tão separada das outras. Se todos os professores derem a devida importância a esses objetos, em vez de valorizarem somente as especificidades de cada área, os alunos seguirão o exemplo e maiores serão suas chances de se alfabetizar e letrar com sucesso.



Histórias da cultura popular

Com linguagem simples e temas familiares ao leitor, os livros que se apropriam do folclore brasileiro podem ser fonte de diversão e de envolvimento com a leitura (VICENTE CASCUDO JUNIOR)



Um viajante perdido talvez não acredite, mas pode ter sido alguma traquinagem do Saci que o desviou de seu caminho. Os relatos sobre o negrinho pernetta fumador de cachimbo são conhecidos de Norte a Sul e atravessam por mais de um século a cultura popular brasileira. Esse e vários outros mitos, histórias e crenças do folclore brasileiro incorporados à obra de Monteiro Lobato estiveram presentes este ano na turma da 3ª série da Escola Municipal Chico Xavier, em Marília (SP). Os livros do autor dialogam com histórias que as crianças estão acostumadas a ouvir em casa e em suas horas de divertimento, pois têm grande inspiração em temas da cultura popular. “Quando lemos livros como os de Lobato, muitos alunos narram seus próprios casos e até escrevem sobre o pai que viu o Saci, histórias de Lobisomem...”, conta a professora Nara Paulo da Silva. Em um tempo de sucessos editoriais como *Harry Potter* e *Crônicas de Nárnia*, que exploram uma fantasia distante da realidade brasileira, a professora optou por trabalhar com uma literatura que se apropria do folclore e da mitologia regionais. “Meu avô vivia dizendo que não cafezila tinha Saci Pererê e eu adorava”, lembra a professora.

Boa parte dos brasileiros constrói seu imaginário a partir da cultura popular, com riqueza de superstições, ditados, adivinhas, festas, receitas culinárias, travalínguas entre outras manifestações. É bom que crianças de pais pouco letrados, ao entrar para a escola, vejam valorizados textos do folclore que marcam sua formação e são referências em seu ambiente familiar. Segundo o escritor e pesquisador Ricardo Azevedo, os livros que tratam da cultura popular podem fazer uma ponte entre o modelo teórico e impresso veiculado pela escola e o conhecimento comunitário e intuitivo que o povo possui. “A criança filha de analfabetos lê um conto ou um ditado e diz: ‘Ué, meu pai já me falou disso!’. É uma oportunidade de conhecer de outra forma um material muito rico”, avalia.

Fantasia em linguagem simples

Uma característica das narrativas populares é a exploração com grande liberdade da fantasia e da ficção. Animais conversam, discutem, se casam e se separam e monstros assustam as crianças que não dormem cedo. Mas tudo tem inspiração no que há de mais humano no mundo. “As lendas folclóricas falam dos sentimentos e das vivências mais marcantes das pessoas, como amor, ódio, inveja, amizade, traição, poder, morte etc.”, destaca a escritora



Fonte inesgotável de inspiração

Pela vastidão do território nacional e pelas influências de diferentes origens, o folclore brasileiro é marcado por grande diversidade. Há lendas específicas de cada região e até nomes diferentes para uma coisa só: Curupira, Caipora e Caiçara se referem todos ao mito de um menino dos pés virados para trás que defende a natureza. Além disso, a cultura popular está em recreação constante. Quem narra um conto, propõe uma adivinha ou recorre a um ditado imprime um tom pessoal naquele momento, o que ajuda a modificar esse texto no imaginário popular.

Vários pesquisadores e escritores contribuíram — e contribuem — para o registro escrito desse inesgotável repertório. Luís da Câmara Cascudo, que viveu de 1898 a 1996, é tido como a maior referência, pela dimensão e pelo cuidado de sua obra. Sua *Dicionário do Folclore Brasileiro* traz milhares de verbetes valiosos pelo caráter informativo e pela linguagem agradável. A escritora Angela Lago se encanta com sua obra: “Câmara Cascudo é suficiente para encher uma infância inteira.”

O folclore não se resume a histórias e entidades fantásticas, como ainda é comum se pensar. Está intimamente ligado a tudo o que é produzido e ganha projeção em um coletivo

Silvana Salerno, no artigo *Folclore e Imaginação na literatura infantil*. Por isso, o contato com tais narrativas ajuda a criança no conhecimento de suas emoções e dos conflitos naturais da vida. Para Silvana Salerno, essas histórias “ainda são o melhor alimento para o imaginário infantil”.

A simplicidade da linguagem é outro atrativo para a criança. Essencialmente concebidos e transmitidos em situações de oralidade, os textos folclóricos tendem a ser diretos e adotam um vocabulário familiar e cotidiano. Essas características são recorrentemente buscadas na literatura infantil. “A gente procura essa linguagem mais próxima daquilo que a criança escuta normalmente”, afirma a escritora e ilustradora de livros infantis Angela Lago.

Ricardo Azevedo defende a ideia de que a literatura para crianças “é muito mais popular do que o próprio infantil”. Além das semelhanças no plano da expressão — próxima da oralidade —, aponta alguns temas e recursos comuns às narrativas populares tradicionais e à literatura produzida para esse público: o humor, o final feliz, a fantasia, a busca do auto-conhecimento etc. O folclore trata de assuntos importantes da vida de uma maneira simples e envolvente, o que é desejável na formação da personalidade da criança. “O conto oral tem tal beleza e tal sabedoria que vai ser sempre escolhido para crianças”, afirma Angela Lago.

humano. Atento a essa concepção ampla de cultura popular, Câmara Cascudo também fala, em seu *Dicionário*, de religião, de festas tradicionais, de movimentos populares e de várias outras questões sociais. Por isso, é difícil imaginar que a literatura um dia se distancie dessa fonte de inspiração. “O folclore é sempre, de alguma forma, a nossa pérola. É o conto que é trabalhado por muitas e muitas pessoas, ou seja, que é polido pelo inconsciente coletivo e que vai sempre nortear o grande romance, os grandes textos escritos. Não há possibilidade de nós vivermos sem essa alma coletiva que é transportada pelo folclore e pelo conto tradicional”, destaca Angela Lago.



Respeito às singularidades

Desde a invenção da imprensa por Gutenberg, na metade do século XV, muitas foram as mudanças nos modos de armazenamento de informações e de processos comunicativos. Com a popularização dos meios de comunicação como o rádio e a televisão, o número relativo de pessoas que lêem livros com frequência diminuiu de forma considerável.

Em entrevista ao *Letra A*, Aníbal Bragaça, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), discute as mudanças observadas na cultura letrada em decorrência do desenvolvimento da cultura midiática. Livreiro durante 21 anos, atualmente ele coordena dois grupos de discussão na *internet*, um sobre cultura letrada e outro sobre

editoração e produção editorial. Além disso, mantém na *internet* o *blog Ler, Escrever e Contar*, publicando algumas de suas idéias e experiências.

Aníbal Bragaça não acredita no fim do livro impresso, idéia muito disseminada nos últimos anos com a ampliação das possibilidades do mundo virtual. Para ele, embora a cultura letrada não seja mais hegemônica, a riqueza cultural guardada no meio impresso é imensa e não será extinta. Por outro lado, ele vê a necessidade de reconhecer o papel das novas tecnologias. "São criações humanas e têm poderes grandes de transformação no pensamento e na sociabilidade". (FLÁVIA MORAES)

Como se configura a leitura de livros na sociedade contemporânea?

Atualmente são publicados muitos livros, como nunca se publicou antes. O livro, porém, é cada vez mais um produto da arte gráfica, feito para ser visto e tocado, e não somente para ser lido. O conhecimento é buscado na *internet*, mas há o momento em que é necessário aprofundar. E esse aprofundamento, necessariamente, está no livro. A prática mostra que as pessoas gostam de livros, mas eles têm sido lidos de forma fragmentada. Como dizia o escritor Ítalo Calvino, cada vez mais se lê para escrever. Eu leio muito para pesquisar. Quando vou escrever sobre certo assunto, e sei que tenho um livro que o aborda, peço e vejo o que o outro autor escreveu para acrescentar alguma coisa.

De que maneira é possível inserir as novas tecnologias na educação?

A experiência de leitura dos livros impressos é indispensável para a formação das crianças e de todas as pessoas. Cada vez mais há um acervo de possibilidades de enriquecimento cultural que se amplia. A criança é atraída por esses elementos da cultura da imagem em movimento, como os jogos de computador. Mas é importante quando ela, ainda nos primeiros anos de vida, tem alguém que leia histórias. Se as crianças tiverem a sorte de ter um ambiente familiar em que o livro é colocado como uma experiência prazerosa, isso a marcará para sempre, mesmo que ela tenha contato e seja seduzida pelas possibilidades da informática. O mundo digital é muito sedutor, não só pelo movimento, mas também pela interatividade, que talvez seja a característica mais inovadora das tecnologias contemporâneas. Isso fornece possibilidades de crescimento para a criança que outras gerações não tiveram. A cultura letrada é mais voltada para formação de leitores do que para formação de escritores. Com as novas tecnologias, esse processo pode ser simultâneo: ao mesmo tempo, as pessoas podem ler, escrever e desenhar.

O senhor coordena um grupo de discussão sobre cultura letrada na internet. O que há de novo sobre esse tema? Como se caracteriza a cultura letrada nos dias de hoje?

Atualmente, é possível pensar em configurações culturais que tenham relação com as "tecnologias da inteligência", como diz o filósofo Pierre Lévy, ou seja, com as tecnologias da comunicação. Isso porque, ao aceitar o desenvolvimento das configurações culturais associadas às tecnologias da comunicação, pode-se pensar em modelos culturais associados à oralidade, ao letramento ou, de forma mais ampla, também à cultura escrita. Nessas configurações vinculadas às tecnologias, foi possível uma democratização ampliada do acesso aos bens culturais. A começar pelo telégrafo, rádio, cinema e, depois, o grande meio de comunicação que marcou presença nas últimas décadas – a televisão – e que, até hoje, é o meio mais usado pela sociedade brasileira como fonte de acesso à informação. Isso, claro, é algo que pode ser discutido e contestado. Na realidade, a televisão está presente no cotidiano dos brasileiros em

"As tecnologias estão a serviço do homem. e é este quem decide o que fazer com elas"

geral; é um grande meio de produção e distribuição culturais. Pensando sobre a cultura letrada dentro dessa perspectiva, pode-se analisá-la hoje como uma sobrevivência, como algo que não é mais hegemônico, mas que também não irá acabar.

Que implicações as tecnologias da comunicação, próprias da cultura midiática, trouxeram para a cultura letrada? Como ocorre essa relação hoje?

Os elementos tecnológicos não são extra-terrestres que apareceram na Terra e conduzem os homens. As tecnologias são criações humanas e têm poderes grandes de transformação no pensamento e na sociabilidade, não adianta querer ignorar isso. Ninguém faz com o computador o que quer, e sim o que o computador possibilita que seja feito. É importante reconhecer a inteligência ali aplicada nos últimos decênios. São os conhecimentos aplicados nas tecnologias que têm sido hegemônicos em

todos os campos de produção do saber, tanto na área humanística quanto nas artes, nas ciências, na economia, tecnologias etc. É muito diferente o acesso a um conhecimento produzido e transmitido através do impresso de um conhecimento produzido e transmitido pelo mundo digital.

De que forma as novas tecnologias se relacionam com as antigas? É possível falarmos, por exemplo, no fim do livro impresso?

Durante muito tempo, essa perspectiva do fim do livro impresso foi apontada, o que é uma grande bobagem. Existem acervos fantásticos e milenares, bibliotecas nacionais e particulares, e ninguém vai acabar com isso. Na verdade, o teórico canadense McLuhan, acusado de expandir a idéia do fim do livro na década de 60, disse que a indústria editorial e as práticas letradas estavam sendo suplantadas por outras práticas culturais. Estas, por sua vez, estavam muito ligadas aos meios audiovisuais e à informática. Mas, é claro, a leitura do impresso exige uma postura diferente da leitura em outros meios. As pessoas podem ler partes de livros, acessar a internet e baixar a publicação, mas a leitura realizada no meio digital é muito diferente daquela do meio impresso. A profundidade e o distanciamento são outros. A leitura digital não é linear, por exemplo, e tem objetivos distintos. O interesse pela leitura hoje, de maneira geral, é pragmático, imediato e fragmentário. No mundo moderno, na época do predomínio da cultura letrada, não era assim.

Qual é o papel do livro hoje para a formação do sujeito?

Se a criança tiver acesso ao livro, ela irá gostar de ler sempre e poderá encontrar uma vocação. Isso tem a ver com a formação do sujeito. O que ele vai querer? Ele será mais historiador, arquiteto, artista ou músico? Provavelmente, ele irá preferir áreas onde investirá mais ao longo de sua vida.

Hoje há maior produção e distribuição de livros e menos leitura. Claro que existe muita gente, felizmente, que lê. No Brasil, a diversidade de situações culturais é imensa, envolvendo o mundo da oralidade, da escrita e do audiovisual, que já não podem ser separados. Mas ainda existem locais onde a oralidade é predominante. Há cidades em que a população não tem acesso a bibliotecas e não possuem livrarias. Essas pessoas ficam encantadas quando têm a possibilidade de ler um livro. As pessoas têm acesso à alfabetização, mas a experiência de leitura só se concretiza quando há capacidade de construção de sentidos de um texto longo. Ninguém vai gostar de ler se não souber fazê-lo. Claro, tem gente que valoriza a leitura do letrado, do nome da linha do ônibus e da manchete do jornal; tudo isso é leitura, mas não constitui uma experiência de letramento efetiva que permita desfrutar plenamente do que a cultura letrada oferece.



Foto: Daniela Moreira

ANÍBAL BRABANÇA, professor da UFPA, vê a necessidade de reconhecer o papel das novas tecnologias

Você fala de uma crise do sistema escolar, marcada por fatores como evasão e criminalidade. Como essa crise se instala e como os educadores podem lidar com ela?

A crise do sistema escolar é estrutural, as realidades são diferentes no Brasil. Até mesmo no sistema público, há escolas com um padrão de excelência, enquanto outras vivem enfrentando dificuldades. Pode-se falar no genérico, mas depois é necessário especificar, olhar por cidades, regiões... Há ferramentas que auxiliam os estudos, mas o objeto deve ser delimitado para conhecer as realidades. Mas isso não nos impede de falar de uma forma mais geral. Há uma falta de valorização da escola e do saber escolar por parte da família e das crianças. Há um percentual grande – e, mais uma vez, quero abrir a ressalva de que generalizar é um risco – de crianças que vão para a escola sem perceber o sentido que isso tem para elas. Porque a escola não tem mais aquele papel em que o acesso ao conhecimento dependia somente dela. Mesmo a criança dos meios populares começa a aprender hoje na televisão, antes de chegar à escola. O acesso ao conhecimento se dá por múltiplas vias, não apenas pelos livros, como era até a primeira metade do século XX. Mas a escola ainda tem papel fundamental no sentido de abrir horizontes para as novas gerações. A educação é fundamental para a mobilidade social.

Para que haja a inclusão plena de novas tecnologias de informação na educação, você defende a reformulação das instituições escolares. Em que aspectos essa mudança deve acontecer?

Todas as pessoas e instituições mais conservadoras, como a igreja, o exército e as escolas, precisam mudar. Essa mudança implica a flexibilização de hierarquias. As novas tecnologias possibilitam acesso direto, sem necessidade de mediadores. Não defendo a anarquia, não creio que a anarquia vá trazer resultados positivos para ninguém. Pelo contrário, a autoridade, com bases legítimas, pode ajudar no processo de crescimento, mas não aquela hierarquia que se estabelecia na cultura moderna e letrada. A escola tem que realizar o processo educativo com menos rigidez. Os alunos devem ser mais valorizados enquanto sujeitos com personalidades diferentes. Uma das grandes conquistas do mundo pós-moderno é o respeito às singularidades. Hoje, todos podem encontrar o seu lugar, seja deficiente físico, deficiente visual, homossexual, criança, jovem ou velho. É importante pensar a diferença entre os indivíduos. Algumas crianças têm interesse em arte, outras têm mais interesse em matemática. Este é um desafio grande para o professor, não pensar em um conjunto uniforme de alunos, mas em cada um dos sujeitos.

“O acesso ao conhecimento, hoje, se dá por múltiplas vias, não apenas pelos livros, como era até a primeira metade do século XX”



4 anos
São 16 edições regulares e 2 edições especiais que buscam contribuir para a prática do professor.
Assine e compre as edições anteriores.

Para assinar: www.cee.br/ufmg.br ou (31) 3409 6211



Cinema

Pequenas Histórias. Brasil, 2007, 80 min, Comédia/Infantil, Livre. Direção: Helvécio Rattón. Produção: Quimera Filmes. *Pequenas Histórias* é o mais novo filme do cineasta mineiro Helvécio Rattón, também diretor de *Menino Maluquinho* e de *A Dança dos Bonecos*. Inspirado em histórias que povoam a cultura popular brasileira, o filme reconta, de maneira criativa e bem-humorada, narrativas e mitos presentes na literatura e na tradição oral do País. O cineasta afirma que sua intenção era fazer um filme com o qual as crianças brasileiras se identificassem, tendo em vista a escassez de produções nacionais infantis. Site oficial: <http://www.pequenashistorias.com.br>

Cinema e educação. Rosália Duarte. Editora Autêntica, 2006. Neste livro, a autora, professora da PUC-Rio, trata da importância de se trabalhar o cinema no contexto da sala de aula de modo a estimular nos alunos o gosto pela leitura de imagens. Para ela, a linguagem audiovisual deve ser tomada como instância pedagógica na medida em que desperta discursos sociais presentes no cotidiano das pessoas. Sua obra pode contribuir para orientar o trabalho de professores empenhados em compreender com os alunos, os elementos que constituem a narrativa fílmica.

Alfabeto

Alfabetizando sem o bá-bê-bi-bô-bu – Luiz Carlos Cagliari. Ed. Scipione, 2002. O autor defende que o ensino do alfabeto deve ser baseado na teoria e não somente em atividades práticas em que o aluno apenas reproduz o exercício, não aprendendo de fato. A obra também traz razões e sugestões para o professor fugir do “bá-bê-bi-bô-bu”, levando-o a buscar outros caminhos para a alfabetização.

Aventura da escrita – História do desenho que virou letra – Lia Zatz. Ed. Moderna, 2002. De onde vêm as letras? Essa é a pergunta que Lia Zatz tenta responder nessa obra que conta a história da escrita desde as pinturas pré-históricas,

Cinema e educação. Orientação pedagógica e cultural de vídeos. Riolando Azzi. Editora Paulinas, 1996. O autor descreve vários filmes a partir de uma perspectiva pedagógica, com o objetivo de auxiliar o professor na leitura das obras. Os textos procuram contextualizá-las com uma linguagem clara e acessível, destacando os valores e mensagens das narrativas cinematográficas. São 50 filmes de diferentes temáticas e épocas. Entre eles se destaca a produção brasileira *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1994), do diretor Antônio Olavo e o clássico do cinema norte-americano, *No tempo das diligências* (1939), do diretor John Ford.

A Escola vai ao cinema. Inês Assunção de Castro Teixeira, Ed. de Sousa Miguel Lopes (orgs.). Editora Autêntica, 2003. Reúne artigos de professores e pesquisadores que lançam sobre as obras cinematográficas um olhar próprio e peculiar. Os filmes analisados retratam o universo da educação, da cultura e da infância, sob a ótica de diferentes sociedades e tempos. Esta obra serve não só para auxiliar o trabalho em sala de aula, mas também ajuda o professor a compreender o olhar da criança e sua relação com o cinema.

passando pelas diversas civilizações até chegar aos dias de hoje. A autora explica de uma maneira divertida e simples o papel social da escrita, sua relação com os sons e outros aspectos importantes para o aprendizado das crianças.

Princípios do sistema alfabético do português do Brasil – Leonor Seliar-Cabral. Ed. Contexto, 2003. Com explicações detalhadas e precisas, o livro expõe o funcionamento do nosso sistema alfabético abrangendo todos os seus aspectos. A autora explora as relações entre a linguagem oral e a escrita, o processo de decodificação e as regras que regem o português falado (e escrito) no Brasil.

Folclore

Viagem pelo Brasil em 52 histórias – Silvana Salerno. Ed. Companhia das Letras, 2006. A obra oferece uma viagem por todas as regiões do país através das lendas e contos populares característicos de cada lugar. O número 52 foi escolhido para que o leitor possa ler, em um ano, uma história a cada semana, percorrendo das capitais ao interior, da praia à mata e ao sertão. São histórias diversas que representam a grande heterogeneidade da cultura popular brasileira.

Dicionário do Folclore Brasileiro – Luís da Câmara Cascudo. Ed. Global, 2000. Feita por encomenda do Instituto Nacional

do Livro, é considerada a mais completa obra sobre o folclore nacional, trazendo milhares de verbetes. Não por acaso, o potiguar Luís da Câmara Cascudo (1896–1986) é tido como o maior folclorista do país. Seu trabalho de afirmação da identidade do país tem sido fonte de pesquisa e de uma leitura prazerosa sobre a cultura popular brasileira.

Armazém do Folclore – Ricardo Azevedo. Ed. Ática, 2000. O Saci, a Jara, o Curupira, o Bicho-papão, o Lobisomem e muitos outros mitos presentes no imaginário popular estão reunidos nessa coletânea de contos, quadras populares, frases feitas,

Em Destaque

Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas – Lara Neves, Jusamara Souza, Neiva Schäffer, Paulo Guedes e Renita Klüsener (orgs.). UFRGS Editora, 2003. Uma análise sobre como as diversas disciplinas curriculares podem contribuir para a alfabetização e o letramento dos alunos. Propõe aos professores atividades reflexivas e críticas nas aulas de artes visuais, ciências, educação física, geografia, história, língua estrangeira, língua portuguesa, literatura, matemática e música.

Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola – Angela Kleiman e Sílvia Moraes. Ed. Mercado de Letras, 1999. Pela análise das propostas pedagógicas de escolas, o livro é uma interessante fonte de experiências interdisciplinares observadas no cotidiano das salas de aulas. As autoras defendem uma educação que valorize o trabalho coletivo em contraposição à fragmentação.

Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula – Vanessa S. Tomaz e Maria Manuela M. S. David. Ed. Autêntica, 2007. Com esta obra, as autoras discutem o papel da matemática na formação integral dos sujeitos. Ao apresentar situações que ocorreram em salas de aula, o livro leva em consideração os desafios e práticas dessa área, ao mesmo tempo em que propõe a inserção da compreensão matemática no dia-a-dia dos alunos.

Entrevista

Ler-e-escrever.blogspot.com – Blog de Aníbal Bragança. Nele, o professor expressa suas idéias sobre livro, leitura e cultura ltrada no Brasil. O autor fornece também dicas de publicações, seminários e concursos sobre os temas.



Conhecimento se constrói

Professora do norte de Minas não dispensa a participação dos alunos para elaborar uma aula bem humorada e criativa (ANDREA SOUZA)

"Procuro tornar a aula ainda mais prazerosa e divertida, não só pra mim, mas principalmente para as crianças". Professora há mais de 28 anos, Gizele Vasconcelos Silva Guimarães nunca teve outra profissão. Nascida em Montes Claros, cidade do interior de Minas Gerais, foi influenciada pelas mulheres mais velhas de sua família, que compartilhavam o mesmo interesse pelo ensino.

Quando criança, Gizele presenciava situações que hoje fazem parte de seu cotidiano como professora: em casa, a mãe corrigia provas, fazia lembrancinhas para os alunos e preparava materiais para as aulas. Alfabetizada pelo método global de contos, Gizele se refere à ex-professora, Dona Lia, como uma ótima contadora de histórias. Por outro lado, a rigidez e as formalidades exigidas nas escolas daquela época a incomodavam. "Eu lembro que os professores eram muito severos. Três mais dois é cinco e acabou. Os alunos não tinham liberdade para participar."

Gizele, no entanto, tem seguido o caminho inverso. Ao trabalhar com textos variados, em Montes Claros, Gizele realiza com seus alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, o projeto *Fluências*. Trata-se de um self-service de textos, dos quais os alunos podem se servir à vontade. Cada um é responsável por um texto, que será lido para a professora e para a turma. São feitas perguntas sobre o título, os personagens e o enredo, de modo a estimular, não só a interpretação, mas também a oralidade das crianças. "Elas ficam super tranquilas, encaram numa boa, porque ser alfabetizado brincando é outra coisa. Elas não tomam isso como castigo."

Projetos

A professora diz que não segue um método de alfabetização específico, pois prefere trabalhar a partir das dificuldades de cada criança. Quando os alunos apresentam algum problema durante o processo de aprendizado da leitura e da escrita, ela trabalha, individualmente, o "alfabeto móvel" – uma caixa cheia de letrinhas – com o qual as crianças formam palavras e frases. "Dou dicas, por exemplo, de um objeto e a criança deve escrever o nome desse objeto com o alfabeto móvel. Nós fazemos o trabalho de reconhecimento de letras, sílabas e palavras."

Gizele também destaca o trabalho interdisciplinar como um elemento de importância no processo de letramento e alfabetização. "Tia Ivande", como é chamada a biblioteca da escola, tem uma aula semanal com cada turma. Durante o tempo em que está com os alunos, ela trabalha literatura, conta histórias com fantoches e as crianças ainda têm a oportunidade de recontar as narrativas com suas próprias palavras.



Foto: Arlene Passos

Professora Gizele e seus alunos do 1º ano por meio de um trabalho contendo balões e divertido, as crianças aprendem sem medo de errar



Foto: Arlene Passos

Alfabetização desde os 17 anos, Gizele se destaca pela inventividade e criatividade

